

PUC/RJ
Departamento de Artes e Design
Programa de Pós-Graduação em Design
Narrativa Visual
Prof. Luiz Antonio L. Coelho
Aluna: Patrícia Duarte

Sergei Eisenstein, Cinema Revolucionário Soviético

“Meus filmes são a imagem implacável do inexorável destino (...) Mais tarde eu mesmo fui vítima das garras tenazes da imagem, que agora se tornaram vivas”. (Eisenstein)

Sergei Mikhailovich Eisenstein é um dos nomes fundamentais um dos maiores representantes do movimento de vanguarda artística dos anos vinte. Sua experiência artística se tornou tão importante em seu país de origem, Rússia, quanto nos demais países do mundo, que sofreram sua influência determinante para a transformação da estética e das formas cinematográficas. Desta forma, sua experiência cinematográfica se configurou em um processo histórico amplo. Representado por uma síntese da produção cinematográfica do período e, principalmente, da evolução política da União Soviética. Não é por acaso que ele se tornou um dos cineastas mais reconhecidos e mais biografados da história do cinema.

Assim para pensarmos na consolidação da linguagem das imagens em movimento daremos uma pequena pincelada por suas técnicas de construção, tendo como base seu filme, “A Greve”. Marcado por uma grande trajetória no teatro, seu primeiro longa metragem apresenta-se sob indissociável influência dos movimentos teatrais de vanguarda de Moscou. Constituindo uma verdadeira coletânea dos métodos cênicos construtivistas, seu cinema tinha como princípio a correlação de todos os elementos constituintes de uma cena em uma mesma proporção. Tal como no circo, onde tudo se organiza ao mesmo tempo. As imagens se justapõem entre si, criando impressões dispersas no espectador. Para Eisenstein, a peça, o music-hall e o circo constituíam a escola do montador, uma vez que o princípio de um bom espetáculo se partiria de elementos básicos de junção de uma peça, onde vários elementos se inter-relacionam sem se anularem, apenas se completando em seus significados psicológicos. Assim, iluminação, interpretação e enredo, entre outros, estariam sempre em comunicação constante, a fim de constituir no espectador uma impressão particular a representação normativa de realidade comumente vista no cinema.

O teatro também traria ao cinema, caminhos alternativos onde o diretor pudesse transformar a realidade, em material moldável. Para Eisenstein, tanto o cinema como o teatro não poderia se constituir em uma réplica fiel da realidade. A partir deste material moldável que se constituiria o papel do diretor.

Em lugar dos “fatos essenciais” conjugados com “ornamentos de encenação” entra a apresentação de estímulos não amarrados a integralidade do texto. Com a intenção de produzir efeitos emocionais, os estímulos seriam combinados e a fim de incitar o questionamento de valores e a formação de novas significações através de sensações particulares advindas desta experiência cinematográfica.

Em seu filme, Eisenstein não obedece a uma causalidade linear na sucessão de seus eventos, o diretor propõe uma montagem figurativa, definidora de significações claras. Uma montagem que interrompe o fluxo dos acontecimentos, marcando a intervenção do sujeito através da inclusão de planos que rompem com uma continuidade do espaço diegético.

Outro elemento a que Eisenstein recorre, é o princípio da repetição. A repetição facilita a criação de um todo orgânico.

Sua intenção é atingir uma montagem de imagens como forma de escrita pictórica, que pela justaposição de unidades discretas, conseguiria traduzir o pensamento articulado expondo conceitos.

Eisenstein procura redefinir conceitos como percepção, forma e conteúdo. E propor a edificação do cinema como lugar específico da fusão entre o sentir e o pensar.

O quadro geral de uma greve não utiliza o herói intermediador, mas mergulha o espectador no imediato, na ação, na greve da fábrica, na repressão. Neste ponto o diretor representa em uma ação o conjunto de uma série, entre trabalhadores e burguesia.

No filme de Eisenstein, o ritmo não é um jogo paralelo, há contradições internas, que criando conflitos, provoca a emoção. Como o exemplo é a cena da abertura da ponte que separa os bairros operários do centro da cidade. A cena é longa, a demora pela total abertura da ponte cria tensão.

Assim, o filme não conta propriamente uma história, mas uma idéia.

Descrição das seqüências

- Na fábrica de locomotivas, tudo está ainda calmo.
- O ritmo de trabalho é acelerado.
- Mas os operários estão insatisfeitos com as condições de trabalho e os salários, e começam a se organizar.
- Os contramestres observam os operários e informam à direção da fábrica o início de uma “conspiração” obreira.
- Em seguida, são alertados os burgueses, proprietários da fábrica, que acionam o chefe de polícia.
- Numa loja de animais, um agenciador de informantes da polícia se apressa em arregimentá-los para que observem e delatem as atividades políticas dos operários.
- Entra em ação o “raposa”, que se disfarça de cego a esmolar; o “macaco”, que se disfarça de sorveteiro; o “bull-dog” que se disfarça de realejo e ainda outro informante apelidado de “coruja”, que se passa por operário e infiltra-se na fábrica.
- Na fábrica, os líderes operários se reúnem e decidem, dadas as circunstâncias, ir à greve.
- No cais do porto da fábrica, um dos delatores, o “coruja”, observa a movimentação dos operários.
- É descoberto e perseguido, fugindo assustado.
- Por todos os lugares da fábrica, grupos de operários fazem reuniões.
- Um contramestre os observa e é hostilizado.
- Nos arredores da cidade, um grupo de operários realizam uma reunião, disfarçados como um alegre grupo num convescote.
- Em reuniões clandestinas de preparação do movimento, os operários elaboram os panfletos de convocação à greve e rapidamente os distribui pela fábrica.
- Um micrômetro, um custoso instrumento para o salário de um operário, é furtado.
- Ao informar à direção do furto, o operário ao qual o instrumento estava confiado, é acusado pelo contramestre e pelo encarregado de tê-lo ele mesmo cometido o furto.
- O operário é insultado e humilhado.
- Não sendo possível provar sua inocência nem suportar a humilhação, o operário se enforca.
- Em torno de seu corpo inanimado, fermenta a cólera dos companheiros.
- O conflito explode entre os contramestres e os operários.
- A morte do operário é o deflagrador da greve.

- As ferramentas são largadas de lado, a linha de montagem é abandonada.
- Devem ser acionadas as sirenes da fábrica, o sinal combinado para os operários interromperem o trabalho por todos os setores.
- O operário responsável pelas sirenes tenta impedir à força que os companheiros as façam soar.
- As sirenes apitam.
- De toda a fábrica acorrem grupos de operários.
- Alguns setores resistem ao movimento.
- A oficina dos resistentes à greve é apedrejada e invadida pelos grevistas que os obriga a parar.
- O encarregado ordena que se feche o portão da fábrica - ninguém entra ou sai.
- O escritório da administração é cercado, o encarregado e o contramestre são capturados.
- Operários vindos da vila forçam a entrada na fábrica. O encarregado e o contramestre são lançados na lama.
- Eles se mostram surpresos com a organização e adesão ao movimento.
- Por toda a fábrica o trabalho cessou.
- Os operários cruzam os braços.
- As máquinas param.
- A vida dos operários em greve parece um retorno à vida bucólica no campo.
- Um corvo pousa sem problemas sobre uma das sirenes, que permanecem mudas.
- Uma pomba se aninha nas máquinas paradas.
- Os grevistas passam o dia com a família e os amigos em torno do samovar.
- Com a fábrica parada, e pressionado pelas encomendas dos clientes, o diretor-geral fica irritado.
- Uma assembléia de operários redige as reivindicações que serão enviadas aos padrões.
- Os policiais preparam-se para entrar em ação.
- Lustram os coturnos, verificam as armas.
- Os burgueses não aceitam as reivindicações dos trabalhadores.
- Ao fim da reunião eles bebem e comparam a repressão que avança sobre os operários em assembléia, com a extração do sumo de um limão.
- Os operários resistem à repressão.
- Um criado dos burgueses recolhe a carta de reivindicações com a qual um dos capitalistas limpou seus sapatos. Ao laçao agrada a “resposta” dada aos operários.
- A greve continua.
- Os operários ficam sem dinheiro.
- A cooperativa de consumo é fechada.
- Nas famílias dos operários há briga pela falta de comida.
- Eles vendem seus objetos de valor.
- Um operário revira em vão sua bolsa de tabaco.
- Diante do prato vazio, sua criança faminta come o que lhe cai às mãos.
- Fracassam as pressões patronais, os operários não capitulam.
- O comitê de greve organiza a resistência.
- Os informantes intensificam a observação sobre os grevistas.
- O chefe de polícia aguarda notícias deles.
- Um dos informantes é pego e molestado pelos operários.
- Os patrões informam a recusa às reivindicações.
- O “coruja” fotografa as escondidas um ativista operário pegando o informe dos patrões, e leva a fotografia ao chefe de polícia.
- A polícia vai atrás do operário.
- Ele tenta fugir; pede ajuda a um casal de ricos num automóvel; eles recusam.
- O operário é capturado.
- Na polícia ele suporta os golpes, a humilhação, a tortura.
- Submetido à chantagem e às astúcias, ele termina por ceder e trair seus companheiros, identificando os líderes do movimento.

- O comitê grevista se reúne e decide, por maioria, continuar a greve.
- O chefe de polícia ordena a captura dos líderes operários.
- A polícia recruta provocadores entre os vassallos do rei dos escroques, são escolhidos os cinco mais inescrupulosos.
- Um dos líderes do movimento é perseguido pelo “coruja”, mas consegue fugir.
- Os provocadores são incumbidos de incendiar um depósito de vodka perto do local onde ocorrerá uma manifestação dos grevistas.
- Um dos canalhas, o “gnomo” é introduzido no depósito e inicia o incêndio.
- Os outros provocadores incitam os operários a invadir o depósito.
- Os operários percebem a operação criminosa, desmascaram os provocadores, e chamam os bombeiros, apesar da tentativa dos policiais de impedi-los.
- Os provocadores, bêbados, sucumbem no incêndio.
- A polícia não procura mais pretextos para reprimir os grevistas pela força.
- Os bombeiros, acionados pelos trabalhadores, atacam-nos com as mangueiras e procura encurralá-los.
- Um dos líderes dos operários é capturado.
- A imprensa burguesa noticia que os operários invadiram, saquearam e incendiaram o depósito de vodka, justificativa para o governo enviar tropas para acabar com a greve a fogo e sangue.
- Os soldados avançam sobre a vila operária.
- Uma mulher acorre para salvar seu filho das patas dos cavalos e recebe um golpe de chicote.
- Ela pede socorro aos companheiros que a acodem, enfrentando a tropa.
- Os soldados perseguem os operários que fazem barricadas na entrada da vila.
- A barricada é rompida e os grevistas e suas famílias são perseguidas e atacadas.
- Eles são massacrados nas ruas e em suas casas.
- A crueldade dos carrascos não conhece limites.
- O chefe de polícia informa ao líder operário preso, o massacre na vila e tenta cooptá-lo.
- Ele se recusa a trair os companheiros.
- A selvageria da repressão é comparada ao abate do gado.
- Os soldados perseguem e atiram na multidão de operários que tenta desesperadamente fugir.
- Os cadáveres dos trabalhadores e seus familiares cobrem o solo.
- Os proletários são convocados a não esquecer.

Ficha técnica do Filme :

A GREVE (*STATCHKA*)

Direção: S.M. Eisenstein.

Roteiro: S. M. Eisenstein, V. Pletniev, I. Kravtchounovsly, G. Alexándrov, A. Levchine e o coletivo do Proletkult.

Fotografia: Edouard Tissé, V. Khvatov.

Cenografia: V. Rakhals.

Produção: Goskino e Proletkult

Filmagem: Julho/Outubro de 1924

Estréia: 28 de Março de 1925

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- EISENSTEIN_____. *Reflexões de um Cineasta*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1969.
- _____. *O Sentido do Filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LEBEL, Jean Patrick. *Cinema e Ideologia*. Coleção Teoria, vol. 15. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.
- MACHADO, Arlindo. *Geometria do Êxtase*. Coleção Encanto Radical, vol. 8. São Paulo: Livros Horizonte, 1981.
- RAMOS, Jorge L. *Sergei Eisenstein*. Coleção Horizonte de Cinema, vol. 6. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- SKLOVSKI, Viktor. *Eisenstein*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1973.
- XAVIER, Ismail (org). *A Experiência do Cinema: antologia*. Coleção Arte e Cultura, vol.5. Rio de Janeiro: Graal/EMBRAFILME, 1983.